

Poéticas de desassossegos e encontros de Gloria Sofia e Vera Duarte¹

Ana Rita Santiago²

Resumo: Ancoradas por ideais e tradições da literatura da segunda metade do século XX de seu país, autoras cabo-verdianas contemporâneas se dedicam à escrita literária imersas em insularidades e em movimentos concomitantes de partidas, retornos e entrelaçamentos. Assim, cientes do passado, das condições de vida de seu país, mas também de belezas naturais, cultura e vivências humanas, elas escrevem, levando em consideração repertórios culturais do seu arquipélago, com as suas diversidades, sentidos e sentimentos, “tempos”, complexidades e ambivalências. É relevante compreender que as suas tessituras se tornam importantes por entender as suas assinaturas poéticas como exercícios de diluição de distanciamentos e de enredamentos de experiências humanas e literárias. Este texto tem como objetivo tecer leituras interpretativas sobre separação e encontros, perpassados pelos sentir/viver diaspóricos e exilados, em versos de Glória Sofia e Vera Duarte, apoiadas em estudos de GOMES (2010; 2013; 2019), HALL (2013), MARTINS (2019), NGOENHA et. ali (2020), SAID (2003), SANTOS (2015), SECCO (1997). Espera-se que as considerações apresentadas sinalizem algumas cenas e vozes poéticas que salientem o estar distante, saudoso(a) e sozinho(a), decorrentes de partidas e “isolamento físico”, e o buscar travessias e pontes de sociabilidade, mediante os distanciamentos social e afetivo em dobras literárias das autoras em destaque.

Palavras-Chave: Poéticas Insulares; Isolamentos; (Des) Encontros; Sentir/Viver diaspóricos

Introdução

Em tempo presente tão pandêmico e agravado pela Covid-19 é desafiante escrever sobre dicções literárias de autoras cabo-verdianas no tocante aos movimentos poéticos instigantes e pulsantes de se colocar em cena o isolamento e a aproximação, entrecruzados por desassossegos, afetos e encontros, peculiares, desde sempre, à vida em Cabo Verde. É quase mais um convite para se pensar sobre as históricas e múltiplas experiências de separação a que acometem o continente africano e as populações afrodiáspóricas e não tão somente Cabo Verde.

O filósofo moçambicano Severino Ngoenha, em 2020, por várias vezes, com veemência e criticidade, declarou em eventos que a pandemia Covid-19 proporcionara ao mundo

¹Este texto deriva da pesquisa, em curso, “A Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia – Brasil”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia e ao GT A Mulher na Literatura da ANPOLL.

²Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Pós doutorado na Université Paris Descartes. Professora adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: anaritasilva@ufrb.edu.br. ORCID iD: 0000-0001-7639-7321.

experimental, na própria pele, o drama histórico, secular e atual de confinamento em que vivem os países africanos.

Tal isolamento também circunda o fazer poético de autoras cabo-verdianas como ocorre igualmente em outras partes do “mundo global”, visto que a predominância da visibilidade da autoria masculina e o silenciamento de suas vozes, já discutidos por Simone Caputo Gomes (2013; 2019), tornam, por vezes, apartadas de circuitos artístico-culturais e da tradição literária do país. Ainda assim, desde sempre, e, atualmente, as suas escrituras literárias “[...] recontam e reescrevem a nação Cabo Verde [...]” (GOMES, 2013, p. 97). Além disso, elas rompem com tal distanciamento e se põem a caminho, nacional e internacionalmente, a cantar as suas dobras poéticas e a narrar as suas prosas que reneguem a “naturalização” de suas ausências e afastamentos e agenciem pontes tangenciadas, conforme assinala Santos (2015), por (re)existências e encontros, com afetos, raios solares, mares, tempos, paisagens e cores insulares, dores e as delícias de se viver, sonhar e poetizar em (para) Cabo Verde, outras águas e oceanos.

Ancoradas por ideais e tradições da literatura da segunda metade do século XX de seu país, correspondente à pós-independência, autoras cabo-verdianas contemporâneas se dedicam à escrita literária imersas em insularidades cabo-verdianas e em seus movimentos concomitantes de partidas, retornos e entrelaçamentos. Assim, cientes do passado, dos problemas e condições de vida de seu país, mas também de suas belezas e paisagens, cultura e vivências humanas e sociais, inclusive, elas escrevem, levando em conta os repertórios culturais do seu arquipélago, com as suas diversidades, sentidos e sentimentos, “tempos”, complexidades e ambivalências.

É relevante compreender que as suas tessituras se tornam importantes, não tão somente para a sua contemporaneidade, mas também por entender as suas assinaturas poéticas como exercícios de diluição de distanciamentos e, a um só tempo, de enredamentos de experiências humanas e literárias. Este texto, diante disso, tem como objetivo tecer leituras interpretativas sobre separação e encontros, perpassados pelos sentir/viver diaspóricos e exilados, em versos de Glória Sofia e Vera Duarte, apoiadas em estudos dentre outros, de GOMES (2010; 2013; 2019), HALL (2013), MARTINS (2019), NGOENHA et. ali (2020), SAID (2003), SANTOS (2015), SECCO (1997). Espera-se que as considerações apresentadas sinalizem algumas cenas e vozes poéticas que salientem o estar distante, saudosos(a) e sozinho(a), decorrentes de partidas e do “isolamento físico”, e o buscar travessias e pontes de sociabilidade, mediante o

distanciamento afetivo, em obras literárias das autoras de Cabo Verde, em destaque, neste texto.

O sentir-se/viver diaspórico e exilado entre afetos e separações poéticas

O oceano e as idiossincrasias insulares, geográficas e sociais acirram a separação de Cabo-Verde com outras partes do mundo. O isolamento desse arquipélago, desde sempre, provocado pelos aspectos topográficos, secas, estiagens, mas também pela falta de trabalho e por outros fatores sociais, culturais e econômicos, obrigou e intensificou, por muito tempo, o afastamento dessa nação de outros mares. Além disso, por muito tempo, comprometeu o avanço de suas relações internacionais e empurrou a emigração e o exílio de uma parte considerável da sua população para outros territórios e águas, principalmente, a masculina.

Atualmente, as suas difíceis e complexas cartografias geográficas ainda favorecem o seu isolamento, garantindo “a mobilidade excessiva” (GOMES, 2010, p. 162). Hoje ainda perduram alguns entraves histórico-sociais os quais mantêm a necessidade de se sair em busca de dias melhores em meio a algumas condições mais favoráveis aos diálogos extraterritoriais, advindos das tecnologias de comunicação e telefonia, de redes sociais etc. Tais agenciamentos, inclusive, têm forjado, razoavelmente, outras travessias e pontes de interação no/fora do país.

A insuficiência de trabalho e condições de sobrevivência, bem como as poucas oportunidades de realizações de desejos, sonhos e projetos de vida etc., preponderantemente, são limitações históricas que, ainda hoje, impulsionam a evasão de cabo-verdianos(as) e o distanciamento, obrigando-os a viver intensas experiências como exilados(as), tal como apontado por Edward Said (2003), e como diaspóricos(as), segundo acentua Stuart Hall (2013).

No texto “Em tempos africanos do mundo”, Ngoenha; Trindade; Amaral; Nhumaió (2020) apontam algumas situações que figuram as consequências de tal separação e do abandono a que se submetem, igualmente, outros países africanos, sobretudo, Moçambique.

[...] Neste processo contínuo de criação e invenção da África, os conceitos que hoje melhor definem a vida e a existência africanas, coincidem paradoxalmente, com as consequências provocadas, nos tempos do mundo, pelo Coronavírus: confinamento, distanciamento social, hospitais inospitais – sem médicos, nem máquinas, nem medicamentos suficientes –, desemprego galopante, crise econômica, miséria, incerteza, morte. (NGOENHA; TRINDADE; AMARAL; et ali, 2020)

Para eles, o continente africano vive em permanente isolamento social, econômico, cultural, provocado por conjunturas locais e globais. Assim, o mundo vive agora “os tempos africanos”.

[...]Bem vindo mundo global, aos tempos africanos. Bem vindos ao confinamento, à distância social, a hospitais inospitais, ao desemprego, à miséria, à fome, à incerteza e à morte sempre à espreita; bem vindos ao mundo que vocês criaram para nós [...]

Oxalá, que esta experiência dolorosa da africanização do mundo, da vossa africanização, de se sentirem pretos, cafres, negros, blacks, vos leve a uma reflexão e que esta seja pós-globalização neoliberal [...] (NGOENHA; TRINDADE; AMARAL; et ali, 2020).

Estar e sentir-se apartados dos direitos de existir e respirar, como “experiência dolorosa da africanização do mundo” e, ao mesmo tempo, traçar possibilidades que promovam geografias de afetos e modos de (re)existência e reivindicarem condições de se seguir os cursos da vida com dignidade são, certamente, chamamentos persistentes que interpelam os (as) africanos (as), bem como os exilados e afrodiáspóricos (as). Em tratando de Cabo Verde, tais tempos e modos de “africanização do mundo” se açulam ainda mais quando associados as suas peculiaridades, insularidades e ao estado permanente de sentir-se/viver diáspóricos e exilados. É preciso ir e criar travessias para voltar! Vai-se, contudo, sem a certeza do retorno.

A história desse país é marcada por dicotomias, tais como “ficar/partir”; “aprisionar/libertar”; “ausência/presença”, dentre outras, configurando-se, de acordo com Carmen Tindó Secco, como “[...] agentes do desassossego, em que ora dilata sonhos e alarga horizonte, ora fecha e aprisiona o ilhéu em um espaço insular [...]” (1997, p. 43). Assim, como consequências de tais inerências destacam-se o estado de nostalgia e saudades, a evasão, um possível desenraizamento cultural, os desafios da partida e da chegada e as contingências da permanência açambarcadas pelos sentir-se/viver diáspórico e exilados(as) de cabo-verdianos(as), desenvolvidos por vivências constantes de isolamentos, precariedades e deslocamentos locais e externos. Conforme Secco, tal emigração é inerente à vida em Cabo Verde.

Sendo Cabo Verde um arquipélago formado por dez ilhas e vários ilhéus, o mar sempre teve uma preponderante importância no imaginário cabo-verdiano. Integrado à paisagem, funciona como uma imensa fronteira líquida e, ao mesmo tempo, com o amplo horizonte que se abre ao olhar dos habitantes, os quais apresentam em relação a ele sentimentos contraditórios:

ora o entendem como carcereiro de seus anseios por longínquas terras, ora o concebem como caminho lógico para o povo das ilhas, cuja sina marinheira fez do cabo-verdiano um ser, através dos tempos, fadado à emigração e às aventuras oceânicas. (SECCO, 1997, p. 41)

Sentir-se/viver diaspóricos e exilados, nesse contexto, são, pois, algumas das dimensões relevantes da construção de narrativas identitária se, por conseguinte, dessa nação. Tais sentimentos e experiências provocam desconfortos e pulsantes desejos, necessidades e movimentos de ir e vir pelas e com ondas oceânicas. Sentir-se/viver como cabo-verdianos(as) implicam, inevitavelmente, em estar perto e longe e, sempre que necessário for, estar a caminho e à procura de outras terras e mares.

O sentir-se/viver é também estar “em trânsito”, ou seja, estando aqui (em algum lugar do arquipélago) e lá (em exílio ou nas diásporas), no *entrelugar*, sinalizado por HomiBhabha (2011), ou o *não lugar*, pontuado por Marc Augé (2005), tendo os “pés fincados” no chão, o corpo e a mente sobre as águas marinhas, as figuras e a cor locais, as geografias e os rastros culturais de Cabo-Verde. Significa, inclusive, ser sempre africano(a) fora ou na Ilha; atenuar os desalentos advindos das distâncias, saudades e idas; preservar e mobilizar traços culturais e de pertencimento cabo-verdianos; enfrentar a segregação decorrente dos “tempos africanos”; e promover encontros interculturais e de afetos dentro e fora do país.

Os tempos e os movimentos literários de Cabo Verde muito têm narrado e cantado sobre as experiências diaspóricas e de exílio, e também as belezas naturais, o cotidiano e as riquezas culturais, os sentimentos melancólicos e nostálgicos, os dilemas e problemas estruturais da nação e os enfrentamentos. A revista *Claridade* (1936-1960), um movimento literário de predominância masculina, tem como principal foco discursivo cantar a evasão de seus compatriotas e a separação forçada através do mar, conotando o desejo de ficar e a necessidade de ir. Assim, nostalgia, saudades, partidas, ausências são alguns dos signos dos poetas claridosos que traçam o ir e o vim das ondas, as “metáforas oceânicas”, já referidas por Secco (1997).

O *Suplemento Cultural* (1958) tem inexpressiva participação feminina, semelhante à *Claridade*, segundo Isabel Cristina Oliveira Martins (2019). São publicados apenas 2 poemas da autora Yolanda Morazzo. Esse segmento trilha na contramão de prerrogativas anteriores, ou seja, ao invés de reverberar os ecos nostálgicos e os silêncios angustiantes imputados pelas ausências e distâncias, em sua sintaxe literária, têm-se gritos de luta contra a evasão, ou seja,

de apelos em favor da permanência para resistir. Vozes se erguem para promover a anti-evasão, a construção e, ao mesmo tempo, a (re)territorialização da nação.

Entre as décadas de 80 e 90, sob a esteira da não realização da justiça social, cantada pela poesia das utopias, “novíssimos poetas de Cabo Verde” “dizem” de seus desencantos e distopias. José Luis Hopffer Almada, em 1991, publicou a antologia *Mirabilis de veias ao sol*: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos. Nessa obra, participam 57 poetas da geração mirabíllica. Desses, Alzira Cabral, Ana Júlia, Arcília Barreto, Dina Salústio, Lara Araújo e Vera Duarte integram essa antologia. Na poética mirabíllica prevaleceram o tom e o chamamento da resistência poética, dando mais ênfase ao pensamento sobre o tempo presente e menos às insularidades e as suas indissiocrasias e o passado do arquipélago.

Autores(as) da contemporaneidade de Cabo Verde não poupam palavras e sintaxes criativas para desenhar gramáticas literárias perfilhadas por linhas, versos e vozes insulares e por dinamicidades subsequentes, (des)reterritorializações, mas também de anti-evasão, múltiplos sentidos, sentimentos e vivências diaspóricas e de exílio dentro e ou fora de Cabo Verde.

As trilhas e águas poéticas de Glória Sofia e Vera Duarte, autoras de Cabo Verde, destaques deste texto, também têm figurado esses múltiplos sentimentos, desassossegos, movimentos, desejos e pertencimentos, ao figurarem temas e vozes, quase sempre femininas, em que sobressaem angústias, dramas, paixões, sonhos, encontros, desencantos, medos e conquistas e reinventam histórias, culturas e modos de segregação, mas também de sentir-se/viver apartados, aproximados e, concomitantemente, exilados e diaspóricos.

Glória Sofia Monteiro, conhecida artisticamente, como Glória Sofia, é natural de Praia, Cabo Verde, onde cursou a educação básica. Licenciou-se em Portugal, em Engenharia e Gestão do Ambiente. Atualmente, reside na Holanda. É poeta, contista e editora. Ela participa de diversas atividades artístico-culturais como festivais, tertúlias poéticas, concursos literários e colabora com publicações em diversos sites e revistas, dentre outros, *youngpoets.eu*, *Azahar*, *MiomboPublishingLepanAfrica*. Escreveu o prefácio do livro *Florescer*, da escritora Teresa Ruas. Tem vários poemas musicados pelo cantor Américo Brito e pelo grupo batuque Lantuna, além de poemas traduzidos em mais de dez idiomas. Ela já integrou mais 12 antologias internacionais e publicou as seguintes obras: *Poesias das Lágrimas* (2013); *Laços de Poesias* (2014, editora Brial); *Horizonte de poesia* (Antologia, 2015, Euedito); *Abriel* (2018, editora

Brial; edição bilíngue Português - Inglês); *Urso Heby* (2019, editora United P. C.; edição bilíngue Português - Holandês).

Já Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina, conhecida como Vera Duarte, é natural de Mindelo, em Cabo Verde, além de juíza e desembargadora, é ensaísta, poeta e cronista. Já exerceu diversos cargos de gestão em seu país, dentre eles, foi procuradora, juíza conselheira do Supremo Tribunal da Justiça, conselheira do Presidente da República e ministra da educação e do ensino superior do seu país.

Como defensora dos direitos humanos, culturais e da liberdade, ela atua em diversas organizações sociais, principalmente, da Comissão dos Direitos do Homem e dos Povos e se dedica ao desenvolvimento cultural e educacional do seu país. É membro da Associação Cabo-verdiana de Mulheres Juristas (AMJ), do Comitê Executivo da Comissão Internacional de Juristas e integra diversas associações, tais como a Associação de Escritores Cabo-verdianos (AEC), a Academia Cabo-verdiana de Letras (ACL), da qual foi presidente, e a Academia de Ciência de Lisboa. Já recebeu vários prêmios, dentre eles, em 1995, em Portugal, o Prêmio Norte-Sul de Lisboa do Conselho da Europa, em reconhecimento de suas atividades em prol dos Direitos Humanos, da emancipação da mulher e da liberdade.

Com essa trajetória, Vera Duarte constrói também o seu percurso como escritora, ao publicar as seguintes obras: *Amanhã madrugada* (Poesia, Lisboa: Vega; Praia: ICLD, 1993); *Arquipélago da paixão* (Poesia, Praia: artiletra, 2001); *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (Poesia, 2005); *Construindo a utopia* (Ensaio, 2007); *Exercícios poéticos* (2010); *A candidata* (Romance, Belo Horizonte - MG, Brasil, Nandyala, 2012); *A Palavra e os dias: crônicas* (Belo Horizonte - MG, Brasil, Nandyala, 2013); e *Risos e lágrimas* (2021). Em 2001, o seu livro *Arquipélago da paixão* ganhou o Prêmio de Poesia Africana Tchicaya U Tam'Si e, em 2013, foi honrada com o Grande Prêmio Sonangol de Literatura (Angola), pelo livro *A candidata*.

As travessias líricas de Vera Duarte, por exemplo, indicam que viver é arriscar-se a (re) inventar modos de existir, de conhecer a si mesmo (a), experimentar o afeto, a companhia e o prazer de estar com o (a) outro (a), mas também é vivenciar as dores e os enfrentamentos decorrentes departidas e ausências como se apresentam nos versos de “Partida” e “Adeus”, respectivamente, do “Caderno III”, de *Amanhã madrugada*.

Ao partir
apenas uma dor

apenas uma mágoa a marcar o imenso adeus
 Apenas teus olhos em mim
 É a recusa física da partida necessária
 (DUARTE, 1993, p. 86)

Gotas de fino orvalho
 sulcam meu corpo
 inclinado em pudor adolescente
 Minhas mãos apertam furtivas
 doces esperanças
 que nunca serão
 ... e o adeus amargo
 permanece em minha boca
 (DUARTE, 1993, p. 87)

Em “Partida”, a voz poética desagua o seu profundo sentir mediante a “partida necessária” de alguém, quiçá, para ela, muito importante. Quase desolada por isso, canta a intensa aflição que a consome. A dolorosa experiência do “adeus” é inigualável para quem partiu e para quem ficou, sobretudo, quando se reconhece como inevitável e imprescindível. Em ambos, o instante do “imenso adeus”, mesmo que por ela rejeitado, se eterniza nos olhos, sentidos e sentimentos, vivendo, no próprio corpo, um intenso tormento de sentir-se apartada. Só “uma dor” e, igualmente, “apenas uma mágoa” são o suficiente para cantar a sua tribulação do afastamento físico e afetivo forçados.

Em “Adeus”, a agonia, advinda de impossibilidades e desejos atravessados em seu corpo, se reverbera também nos sentidos da voz lírica, haja vista que a união e separação transitam entre doces e amargos sabores. Talvez seja preciso dizer “adeus”, mas as “doces esperanças” disfarçadas e irrealizáveis se esbarram em oclusões, apenas conhecidas por ela, que interditam, impedindo-lhe de se distanciar física e ou afetivamente.

Nos dois poemas, o ir e o desejo ou necessidade de dizer adeus provocam desassossegos aos eu enunciadore, gerando desalentos. Em seus versos, as experiências de partir, ficar e deixar ir não só resultam de contingências insulares ou geográficas, como eram prementes em outros tempos e contextos literários cabo-verdianos. Neles, o dizer adeus, ficar e ir sinalizam mais em “Partidas” o sentir-se apartado geográfica e fisicamente e menos em “Adeus”. Em ambos, porém, o sair, o permanecer e o distanciar-se parecem imbricados com rastros e jogos de sentidos e afetos.

Vera Duarte também encalça outros signos em suas dicções, através das quais ecoam vozes, por vezes, dissonantes e em tom trágico, sobre a distância, a solidão e o amor, imbuídos de lirismos e emoções, tal como em “Lonjura”, em “Caderno 1 – Da impossibilidade do amor”, de *Arquipélago da paixão*.

Longe não longe
é como te sinto
depois de te amar
como jamais ousei pensar

Longe mais longe
cada vez mais longe
é como te quero de mim
agora que só a dor restou
Longe na lonjura
numa distância tamanha
que deixe aquecer minha alma
entorpecida pelo abandono

E que esse longe sem regresso
possa varrer a dor
e trazer de novo a vida
no sorriso de outro amor
(DUARTE, 2001, p. 39)

Estar bem longe, física, definitiva e geograficamente, do seu amor é o desejo da voz poética. Permanecer bem longe é uma condição e, ao mesmo tempo, uma estratégia de resistência e de (re) existência, ou seja, de seguir o seu curso, forjando outros caminhos e travessias de vida e recomeços. O seu exílio afetivo, desse modo, se faz necessário para curá-la do abandono, bem como para viver e encontrar outro amor, por isso a maioria dos versos é dedicada a reconhecer, sem lamentos, mas com dor, a importância de se manter longamente distante. Na última estrofe está o ápice da superação e da cura, ao se tornar ciente da impossibilidade do amor e acenar para a sua finitude. Será o “sorriso de outro amor” que fará a voz do poema retornar à vida e sair do abandono.

A escrita poética de Glória Sofia, sob a esteira de exercícios de grafar sentimentos, liberdade e realidades, se desenha no tempo presente. Em “Quiero ir a casa”, ela cria um canto à emigração necessária como uma possibilidade de encontros com outras culturas nas diásporas.

Lascarreteras se abrieron como una flor en primavera.
Diásporas me aprisionaron con odio en el corazón,

Holandeses esparcieron las letras en la atmósfera,
Portugueses lloraron con cariñito la canción.

Franceses libertaron perfumes entre besos.
Vinieron a mi memoria de infancia mil deseos
De emigrar, aprender, comprender y conocer.
La noche vino y nunca más conseguí vencer.

Quiero ir a casa.
Españoles bailaron espantando mi soledad,
Luxemburgueses, con sus paisajes vanidosos,
Limpiaron el rocío de mis ojos con amistad.

Aceleré los pasos. Belgas me cortaron las alas.
¡Deseo tanto ir a mi tierra para sentir las brasas!
Hoy descubrí que mi casa está a tu lado, João.
(SOFIA, 2021a)

Com busca constante de (re)encontros com a sua terra e a sua casa, o eu enunciator articula os seus desejos e motivos para emigrar com uma precípua ansiedade e um imperioso desejo de ir para sua terra, embora reconheça, como diaspórica, que a sua morada está em todo lugar.

Outras vozes desassossegadas, criadas por Glória Sofia, desfilam, no aqui e agora, entoando versos tristes e desoladores sobre a Covid-19. Tal pandemia impõe um isolamento que é geográfico, mas é também afetivo e social. Em “Chuva Verde”, o eu-lírico grita o seu desalento e exílio provocados pelo vírus.

O vírus abandonou-me por aí
Num grito acorrentado pelo vento
A mastigar a voz do isolamento
A sangrar a âncora que cai

O vírus sonhou, e a morte amou
Como eu, por beijos e toques ansiei
Como pássaro triste flutua pelo céu
Como falso amigo, o vírus actua

Procurou na vida o respirar
O pulmão, como uma pessoa
Procura o amor sem esperar

No corpo o vírus se amontoa
Nos caixões a rima perdoa
Esse verso que perde o ar
(SOFIA, 2020a)

Estar apartado(a), como medida de prevenção, é, pois, uma experiência de abandono e, ao mesmo tempo, uma ameaça à vida. Estar isolado é condição *senon qua non* para driblar a morte e dela fugir. Sentir-se sozinho e suportar a ausência do outro e do amor são estratégias de proteção são gingados da voz poética que se arvora a tecer versos em meio à procura, semelhante ao vírus, de ar, carinho, amor e do sopro de vida.

A voz sente-se exilada, “por aí”, como determinação do vírus, experimentando viver em “tempos africanos” e de “africanização do mundo”, tais quais se reportam filósofos moçambicanos. Abandonada, resta gritar “verso que perde o ar”.

Em “Esperança Mortal”, Glória Sofia inventa um eu-lírico que também grita o seu pavor, medo e espanto que permeiam as ruas e o rio em que caminha, mas também que carrega consigo. Em “tempos africanos” e de Covid-19, torna-se perigoso caminhar sobre a terra ou sobre as águas mesmo que sozinho.

Subitamente caminhei
Por ruas de calor desertas
De medos reflorestadas.

Do alarme ecoa um grito inaudível
Espantos esticam as rugas
Deixam rastos desconhecidos
Abandonados no pavor

E não de repente
Minhas caminhadas pelo rio
Tornam-se pregos que ferem
Meus sensíveis calcanhares.
A primavera acinzentada-se
Nuvens de solidão apõem-se
Nas minhas costas e meus olhos
Entulham-se de poeiras.

Num tom inesperado
Escondo o meu largo sorriso
Aquele sorriso que por vezes odiei
Rabisco que neguei e quis apagar.
Hoje, este sorriso está amarrado
Atrás das orelhas
Pendurado no brilho dos olhos.

Abruptamente, alastra-se
P’los berços da cidade
Uma cor, um mistério
Uma tonalidade salpicada

Pelo pavor da mudança
Este ver de que é esperança!
(SOFIA, 2020b)

Entre o deserto das ruas e o pavor do abandono, a voz atordoada é arrebatada por tons, cores e paisagens de esperanças às margens da cidade. Tudo isso é vivenciado isoladamente, intensificando a solidão. Como medida de autocuidado, o estar só parece se configurar como uma mudança pavorosa, mas necessária, e uma estratégia de proteção para favorecer, mais tarde, o encontro e não os dissabores da separação mortal.

Pensar sobre a solidão como possibilidade de se defender do coronavírus requer compreender as suas complexidades e reconhecê-la como um ato de esperança. Necessário se faz entender, por exemplo, a solidão como uma realidade humana intransponível. Como nos adverte o filósofo Patrick Vighetti, ao ser entrevistado por Comte-Sponville (2000), a solidão é a regra e a verdade da existência humana, pois se nasce e morre só, na maioria das vezes, além de não podermos viver e andar pelos (as) outros (as). A regra da sociabilidade é viver com o (a) outro (a), e não por ele (a); é estar com o (a) outro (a) sem subserviências.

Já o isolamento é exceção, de acordo com Comte-Sponville (2000), logo há de ser temporária em tempos de Covid-19, tal qual desponta o verso, “verde que é esperança”. Os versos de Glória Sofia e as preconizações da vigilância sanitária advertem que o distanciamento e a solidão são medidas para que não se seja surpreendido ou sucumbido, subitamente, pela Covid-19.

É imperativo, portanto, admitir a solidão como regra do direito de respirar e sobreviver, nestes tempos, e não tão somente como um exercício de isolamento e abandono, ou seja, para encontrar alguém, posteriormente à Covid-19, urge estar sozinho (a) hoje. Estar longe e sem relações favorece manter a esperança de que será possível ter (re)encontros. Nesse sentido, o isolamento, imposto por essa pandemia, é, por um lado, viver agora a amargura, a tristeza, a agonia, o desgosto e o sofrimento advindos de ausências ou esperas, tal como o sentir apartado e exilado. Mas viver a solidão é, por outro lado, uma condição imprescindível do existir e estar no mundo, no tempo presente, para, depois, retomar e ou construir novas relações, interações e ou prosseguir sozinho (a) a trilha da própria vida.

Ao se levar em conta essas breves considerações sobre a solidão e o isolamento, percebe-se que também na poética de Vera Duarte denotam-se as duas experiências: o isolamento como resultado de ausência, partida e até abandono, além da solidão como busca do

existir e encontro consigo e com o outro. Em “Solidão”, no “Caderno III – poemas de bloqueio – e de amor e ausência”, de *Amanhã madrugada*, a voz enunciativa faz uma convocação a uma “borboleta ferida” para reagir mediante os tormentos do isolamento através da escuta de si e da retomada do vivido.

Escuta a voz que ressoa
das entranhas do ser
a alma que arranca
 mórbida
a luz que lhe vem do nada

E vagueia...
 pelas relvas molhadas
 dos campos em flor
 pelos homens que amei
 para poisar
 – borboleta ferida –
 no eterno amargor
 da solidão apenas resgatada
(DUARTE, 1993a, p. 82)

Essa voz, figurada por uma “borboleta ferida”, de modo imperioso, aguça os seus sentidos. É mister viver a solidão, escutando a própria voz e vendo a si mesma, ou seja, é preciso exercitar a autopercepção como um exercício de autoconhecimento. Mais ainda, é preciso sair de si mesma e sobrevoar sobre as suas experiências amorosas no “eterno amargor da solidão apenas resgatada”. Percebem-se, nesses versos, ecos de possibilidades criativas e estéticas de *autoformação, autoimagem e autointerpretação* (FOUCAULT, 1997). Com a experiência amarga da solidão, a “borboleta ferida” voa sobre os sabores da autoconstituição e do autoconhecimento.

Mares e ilhas poéticas de Vera Duarte e Glória Sofia também se apresentam como signos que traduzem a dor, solidão e tristeza, advindas de partidas em busca de trabalho, educação, meios de subsistências etc., por vezes, sem voltas. Além disso, desfilam imbuídos de desejos e saudades da terra natal, inclusive, de vislumbrar e assoalhar os mistérios e as vicissitudes de saídas e chegadas, e também subjetivas e afetivas.

Em “Mar de Cabo Verde”, de Glória Sofia, uma voz enunciativa entoia versos sobre o mar que separa corpos e aproxima continentes, longe da poética da Geração do *Suplemento Cultural*, em que as águas marinhas se apresentaram imbuídas de ecos nostálgicos ou uma via de anti-evasão, como assinalara Secco (1997).

Agua de la vida,
 Agua de la esperanza,
 Agua de los sueños,
 Camino que sala el alma,
 Encuentro de todas las lágrimas.

Mar,
 Cuna de los pescadores,
 Oración de las fresqueras,
 Alegría de los niños,
 Levedad de las melancolías.

Mar,
 Senda eterna que separa los cuerpos,
 Senda eterna que une los continentes.

Mar,
 Sueños de los niños,
 Destrozos de los corazones.
 (SOFIA, 2021b)

A água é cantada como fonte de vida, esperança e sonhos. E o mar, como “senda eterna”, é aclamado quase como um ente que encanta e cuida de seres que vivem como ondas, absorvidos por pulsantes e trabalhosos movimentos de ir e vir. Potente, o mar segue o curso de suas águas, proporcionando aventuras oceânicas às crianças, aos (às) sonhadores (as) e aos pescadores.

Vera Duarte também cria vozes e versos poéticos insulares que cantam amor e paixão pelas ilhas e ilhéus que formam o arquipélago. Segundo Secco,

As metáforas marítimas sempre estiveram presentes nas composições poéticas de Cabo Verde, mas, nas primeiras gerações, o oceano aparecia como elemento enclausrador. As mulheres encontravam-se presas ao cais, esperando, submissas, os amantes, filhos e maridos que saíam para a pesca da baleia ou iam estudar em Portugal. O mar como magma da memória e do inconsciente feminino e uma conquista da novíssima poesia cabo-verdiana que persegue os labirintos interiores do desejo da mulher-poeta. Representante dessa poética atual é Vera Duarte, cujos versos assinalam o direito feminino a eroticidade do próprio corpo e da voz [...] (SECCO, 1997, p. 47)

Em “A trilogia do amor, Acto Primeiro”, “A Alma”, do “Caderno II – Do Amor”, de *Amanhã amadrugada*, versos dedicados a Arnaldo França, também escritor de Cabo-Verde, um sujeito poético feminino decide “fincar os pés”, expressão cara ao movimento de luta pelo

pertencimento e valorização das raízes africanas geográficas e identitárias no chão da Mãe África.

Fiquei por aí plantada
à beira de um sábado prodigioso
olhando a linha do horizonte
e um barco carregado de estrelas
que não sei se partia
não sei se chegava

Ao meu lado
Em calor recente
tu foste o centro e o tudo
e sentir crescer em mim
o desejo d’eternidade
Não quis mais partir!

Desvendando o segredo do amor
quero permanecer na ilha
e navegar apenas em sonhos
por caminhos redondos e concêntricos
ao sabor de ti e do vento

Não quero mais partir!

De malas desfeitas
quebrarei na ilha
a prisão das ilhas
com os pés fincados na areia
que abrigou nossos corpos em tempos de festa.
(DUARTE, 1993b, p. 78-79)

Decidida, ela desiste de partir por escolha e autocuidado. Ela “finca os pés” na areia, e não na terra firme, das “praias solitárias” das ilhas, onde ela permanecerá para desvendar os mistérios do amor, navegará em suas ondas e vivenciará os seus afetos. Sem comprometimento com o ficar e o partir, tais metáforas apontam que o oceano não é mais somente uma “[...] fronteira líquida a separar o habitante de Cabo Verde do resto do mundo [...]” (SECCO, 1997, p. 44), ao contrário, a ilha é também um território de experiência do amor, de sonho e sabores, de pouso e permanência.

Em “Desabafo”, em “Momento VI – Os momentos de um longo poema dedicado ao amor”, no “Caderno I”, desfilam versos sobre o amor que surge e se estabelece nas areias e nos movimentos do mar que são feitos de silêncio, barulho e também de solidão.

Vai e grita pelas achadas imensas
que a vida se conquista
contra a violência e a morte.

Diz
do amor que brota das areias
do mar solitário
do abraço fecundo que nasce
dos confins de nossos seres.

Diz tudo
mas não digas que te amei
— e amo —
pois chega-me a morte pela recusa.
Não quero morrer duas vezes!
(DUARTE, 2001, p. 34)

Em “Esquisso”, “Momento XI”, do “Caderno I”, de *Amanhã amadrugada*, a voz enunciativa apresenta os primeiros traços e contornos de sua existência, pautada na sua ancestralidade, forjada sobre as águas da baía e do porto, inventando um croqui de construção de si que é tecido de muitos outros eu (s), lugares e porquês.

A minha ancestralidade plasmada sobre a baía e o porto grande que se abre ao infinito gerou-me. O que eu própria fiz por mim foram pequenos retoques de (dita) cultura. Pergunto-me se a imagem se desfigurou. Ter-se-á o meu futuro se diluído na memória de um passado que não vive mas de que para sempre me ficou a nostalgia?

Não me reconheço em mim. Sinto-me carente e à minha volta apertam-se-me os círculos concêntricos de involuntária clausura. Sonhos estranhos e profundos vindos dos mais interiores de mim e de um tempo remotíssimo continuamente se despedaçam de encontro a uma parede castrante erguida não sei por quem, erguida não sei por quê.

À noitinha, qual feiticeira medrosa, percorro os meus interiores em busca de saídas. Sem cessar, perco-me nos labirintos. Não encontro respostas para os porquês que me atormentam.

Mahana pela mahana montada em meu cavalinho doirado, irei pelo mundo a fora à procura do sentido da vida.

(DUARTE, 1993c, p. 39)

Nessa prosa poética, o eu que se canta e narra, ao mesmo tempo, garante a incessante e permanente busca de tecer a si mesma. Sem temor, traça a sua origem e o seu passado, tecidos por vários matizes, por isso, infinitos. Atormentada sim, mas não acometida pela covardia, ela segue, com medo, para outros mundos à procura de si.

A sintaxe poética de Vera Duarte, pois, que preza por economias do uso de marcadores de pontuação, mas nem por isso é desprovida de sentidos, emoções e coerências, está impregnada, inclusive, de experiências carregadas de afetos, mas também de angústias, desassossegos, (des)encontros, indocilidades, partidas e insubmissões.

A solidão e os distanciamentos social, afetivo e geográfico, seja por prescrições sanitárias, determinadas pelas agências nacionais e internacionais de saúde como prevenção contra a Covid 19, seja pelas experiências, oriundas de encontros e afastamentos, são cantados por vozes líricas de Vera Duarte e Glória Sofia. Assim elas figuram desassossegos poéticos provocados por separações e abandonos e desenham desejos e encontros.

À guisa de conclusão

As autoras cabo-verdianas Glória Sofia e Vera Duarte apresentam tessituras poéticas tatuadas por territórios insulares, logo marcados por dicotomias como ir e vir; ficar e partir; fechar; aprisionar e libertar, que se apresentam não só geográficas, mas também afetivas e amorosas. Assim criam vozes diaspóricas que cantam desassossegos, tais como o afastamento físico, o isolamento social necessário, decorrente da Covid-19, os desafetos e as possibilidades de enredamentos e encontros.

As suas teias literárias, também assinaladas por metáforas oceânicas, transitam por tempos e lugares que se querem diluídas de distanciamentos e imbuídas de entrelaçamentos de sabores, rotas, águas e experiências humanas, amorosas e socioculturais. Ademais, o mar passeia em seus versos como um lugar de discernimento, liberdade e vivências amorosas e não somente de passagens, partidas ou chegadas.

Com essa dicção literária, elas inventam vozes líricas as senhoradas, capazes de mergulhos profundos e existenciais. Neste ínterim, elas mobilizam o silenciamento, as separações e as distâncias; reconhecem a inerência do sentir/viver exilado e em estado diaspórico; e promovem encontros e diálogos.

Tecer leituras interpretativas sobre poéticas de desassossegos e de (des)encontros assinadas por Glória Sofia e Vera Duarte, indubitavelmente, é uma oportunidade ímpar de compreender algumas provocações literárias no do tempo presente com vozes e marcadores femininos. A leitura de seus versos possibilita-nos acompanhar movimentos pulsantes de evadir, ficar e viver apartados(as) em busca incessante de encontros físicos e afetivos em águas

insulares que desembocam em outras igualmente potentes, além de impulsionar navegar em outras rotas, travessias e dobras literárias.

Referências

ALMADA, J. L. (Org.). *Mirabilis de veias abertas ao sol*: antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos. Lisboa: Caminho, 1991.

AUGE, M. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da sobre modernidades. Lisboa: 90 graus, 2005.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, V. Amanhã amadrigada. In: DUARTE, V. *Solidão*. Lisboa: Veja; Praia: ICLD, 1993. (Palavra Africana). 1993a.

_____. Amanhã amadrigada. In: DUARTE, V. *A Alma*. Lisboa: Veja; Praia: ICLD, 1993. (Palavra Africana). 1993b.

_____. Amanhã amadrigada. In: DUARTE, V. *Esquisso*. Lisboa: Veja; Praia: ICLD, 1993. (Palavra Africana). 1993c.

_____. O arquipélago da paixão. In: DUARTE, V. *Desabafo*. Mindelo: Edições artilheira, 2001.

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GOMES, S. C. *O arquipélago literopintado*: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde. Scripta, Belo Horizonte, n. 27, p. 93-103, v. 14, 2º sem., 2010.

_____. *Literatura e trajetória social das mulheres em cabo verde*: a escritura de autoria feminina ou um outro olhar sobre o arquipélago. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 2013.

_____. *A escrita literária de Dina Salústio e Vera Duarte*: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. Interdisciplinar, São Cristóvão, UFS, p. 227-242, v. 32, jul.-dez., 2019.

_____. *A poesia feminina cabo-verdiana vive*: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, n 21, p. 73-89, v. 11, jul.-dez., 2019.

HALL, S. *Da diáspora*: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MARTINS, I. C. O. *Pelas Sendas do Feminino: Diáspora e Exílio nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação Campina Grande, 2019.

SEVERINO, N.; TRINDADE, E.; AMARAL, G.; NHUMAIO, A. *Os tempos africanos do mundo*. Filosofia Pop, 2021. Disponível em: <https://filosofiapop.com.br/texto/os-tempos-africanos-do-mundo/> (Acesso em 20 abr. 2021).

SAID, E. W. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. In: SAID, E. W. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SOFIA, G. *Chuva Verde*. UCCLA, 2020a. Disponível em: <https://www.uccla.pt/sites/default/files/Amor em tempos de corona.docx> (uccla.pt). (Acesso em 24 abr. 2021).

_____. *Esperança Mortal*. UCCLA, 2020b. Disponível em: <https://www.uccla.pt/sites/default/files/Amor em tempos de corona.docx> (uccla.pt). (Acesso em 24 abr. 2021).

_____. *Quiero ir a casa*. Taller Igtur, 2021a. Disponível em: <https://tallerigitur.com/poesia/diaspora-africana-gloria-sofia-monteiro-praia-cabo-verde-1985/6583/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

_____. *Mar de Cabo Verde*. Taller Igtur, 2021b. Disponível em: <https://tallerigitur.com/poesia/diaspora-africana-gloria-sofia-monteiro-praia-cabo-verde-1985/6583/>. Acesso em 15 de abril de 2021.

VIGHETTI, P. De l'autre côté du desespoir. Entretien avec Patrick Vighetti. In: COMTE-SPONVILLE. *L'amour la solitude*. Paris: Ed. Albin Michel, S.A., 2000, p. 15-75.

SECCO, C. L. T. R. Mar, memória e metapoesia na lírica cabo verdiana. *Revista Cerrados*, n. 6, Brasília, 1997.

Poetics of unrest and encounters by Gloria Sofia and Vera Duarte

Abstract: Anchored by the ideals and traditions of the literature of the second half of the twentieth century of their country, contemporary cape -verdean authors dedicate themselves to literary writing immersed in insularities and in concomitant movements of departures, returns and entanglements. Thus, aware of the past, of the living conditions of their country, but also of natural beauty, culture and human experiences, they write, taking into account the cultural repertoires of their archipelago, with its diversities, senses and feelings, “times”, complexities and ambivalences. It is relevant to understand that his writings become important because he understands his poetic signatures as exercises for diluting distances and entangling human and literary experiences. This text aims to weave interpretive readings on separation and encounters, pervaded by diasporic feeling / living and exiles, in verses by Glória Sofia and Vera Duarte, supported by studies by GOMES (2010; 2013; 2019), HALL (2013), MARTINS (2019), NGOENHA et. ali (2020), SAID (2003), SANTOS (2015), SECCO (1997). It is expected that

the considerations presented will signal some scenes and poetic voices that emphasize being distant, homesick and alone, due to departures and “physical isolation”, and to seek crossings and bridges of sociability, through distances social and affective in literary folds of the featured authors.

Keywords: Island Poetics; Isolations; (Dis) encounters; Feel/Live diasporic.

Recebido em: 20 de maio de 2021.

Aceito em: 20 de julho de 2021.